



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

Veículo: CORREIO DE SERGIPE
Identificação: URBANO A5 GERAL
Data: 03 e 04/02/2013

Maior hospital público do

Estado de Sergipe agoniza na "UTI"

Carolina Farias
carolinafarias@correiodesergipe.com

Lúmeros são os problemas que cercam o maior hospital público do Estado, o Hospital Governador João Alves Filho (HGJAF). Inaugurado no ano de 1986 com a promessa de ser o maior bem de assistência à população usuária do Sistema Único de Saúde (SUS), atualmente o HGJAF virou ícone de desamparo, como foi relatado à reportagem do jornal **Correio de Sergipe** (CS) que esteve in loco no hospital para constatar as queixas de pacientes e acompanhantes.

A reportagem teve acesso à Ala Verde, considerada a mais tranquila dentre as outras. Em um dos apartamentos, uma esposa acompanhava o marido acidentado de moto e aguardava a alta que, segundo ela, já deveria ter sido dada. "O meu marido era para estar se recuperando em casa, pois aqui está arriscado a pegar uma infecção hospitalar. Ele está internado há 10 dias, não passa médico para olhar ou liberar. Ele estava aqui há 8 dias sem tomar banho. Eu cheguei ontem e só assim ele tomou banho", revela a esposa, Verônica de Jesus Silva Santos, que ironiza, "nem os medicamentos estão aplicando mais, pois ele já está melhor. Então já pode ir para casa né?!".

Para o senhor Adilson dos Santos, que está internado há 1 mês e meio, com um caso mais complexo de recuperação de um acidente, o atendimento deixa a desejar. "Eles têm que entender que quando chegamos a um ponto de precisar disso aqui, não é porque a gente quer. Tem 1 mês e meio que estou aqui e o atendimento é péssimo. Para fazerem curativo, a gente tem que pedir, senão eles não fazem, e quando vem fazer é só às 2 ou 3 horas da manhã", reclama.



■ Atualmente, o Hospital Governador João Alves Filho coleciona um montante de ações na Justiça



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

• Medicamentos e Materiais

Em outro apartamento, uma jovem estudante, Daiane dos Santos, que acompanha sua avó, Francisca Souto, de 77 anos, lamentou a falta de materiais. “Há 21 dias minha avó está internada com problemas renais. Registreí falta de fralda descartável, lençóis limpos. Às vezes há alguns medicamentos que não têm, como por exemplo, teve três dias sem insulina, então os pacientes que têm diabetes, que é o caso de minha avó, sofrem com isso. Em relação a atendimento médico, enfermeiros, técnicos, está tudo tranquilo, ela foi muito bem atendida. Mas essas outras questões deixam muito a desejar”, desabafa, Daiane.

Para Givalda Gomes de Andrade, que acompanha a filha que está internada há mais de 15 dias, o governo do Estado está brincando com a saúde da população. “A minha menina teve Calazar. Os médicos atenderam bem, pois até eles reclamam da situação que encontram. Ficamos cinco

dias na ala verde aí transferiram para a enfermaria e fizeram todo o tipo de exames. Acontece que a médica prescreveu uma pomada e xarope, que estão em falta, então tive que comprar. Infelizmente o atual governo deixou a desejar a situação da saúde, educação, em tudo. Isso eu posso confirmar porque eu trabalho na área de educação no município de Capela, cidade que também foi bagunçada pelo antigo prefeito”, queixa-se, a senhora.

A Sra. Givalda revelou ainda a situação da Urgência do Hospital e a falta de assistência. “Pode acreditar, é gente deitada no chão, amontoada nas macas, sem lençol. Ficamos repugnados com o que vemos aí dentro. Além disso, estou aqui há 15 dias sem me alimentar direito porque a assistente social disse que eu não tenho direito, pois minha filha tem 23 anos e eu tenho 62 anos. A nossa sorte é que tem gente de bom coração e vem fazer doação de comida aqui, mas já ficamos sabendo que estão querendo tirar para a gente ter que comprar alimento”, lamenta.

A técnica de enfermagem, que não quis se identificar, revelou também a falta de materiais e medicamentos e a quantidade insuficiente de funcionários. “Desde o último domingo minha irmã entrou no setor de urgência. Ela fez uma cirurgia de retirada de rim e como consequência teve início de trombose. Agora cheguei para revezar com minha prima e ainda não tinham feito o curativo, eles não me forneceram o material, então tive que trazer de casa e eu mesma que fiz o curativo. Não tem sequer Dipirona, um medicamento tão comum, é absurdo! São muitos os problemas, a superpopulação para pouco funcionário, eu que sou da área de saúde sei que estressa muito, você percebe isso”, analisa.

• Via-Crúcis

Além dos problemas da falta de material e medicamentos, a falta de prioridade de certos tipos de casos tem sido criticada por usuários, como o taxista, Messias Salvador, do município de Laranjeiras, que acompanha a irmã que está internada há 15 dias. “Eu como acompanhante de uma irmã que faz hemodiálise e é cega, foi um protocolo muito desgastante para

ela e para mim que a acompanho. Estamos passando por momentos difíceis, pois ficamos na Linha Azul do Pronto-Socorro quatro dias numa situação muito deplorável. Fomos em busca de um atendimento necessário para a minha irmã, ela é cega, faz hemodiálise e depois com muito tempo foi para uma área melhor para poder ter um atendimento adequado. Para fazer o exame dela, a gente tem que se dispor a encontrar alguém que tenha conhecimento no hospital para poder agilizar algo que beneficie o doente”, lamenta, Sr. Messias.

A esposa de Messias Salvador, que também acompanha a cunhada, compartilha da falta de trato com os pacientes e complementa também a falta de limpeza no local. “Na ala que ela está, nem banheiro tem. A gente tem que andar 50 metros para usar o banheiro. Na situação que ela se encontra, sem poder caminhar e enxergar, se complica mais ainda. Falta cadeira de rodas. E quando chegamos ao banheiro, ele está lotado, gente disputando vaga para usar o banheiro. Uma ala onde tem 13 pessoas todas empilhadas. Eu vejo muita desorganização no hospital”, afirma, Severina Ramos.

“Eu não sei como a administração de saúde pode ficar nesse problema há tanto tempo, falta material, medicamento e mão-de-obra qualificada. Também tenho consciência em ver que tem muita gente para pouco funcionário. Precisamos de um novo hospital desse porte no Estado para as pessoas terem um melhor atendimento”, aponta, Messias Salvador.

• Negligência

Uma senhora, que não quis se identificar, revelou com muito pesar um suposto caso de negligência médica. O fato teria acontecido no ano passado, no dia das Mães. “Eu vim aqui com uma irmã da igreja no ano passado, ela estava passando mal e não teve assistência nenhuma. Os médicos e enfermeiros passavam e não faziam nada. Ela passou a noite sentada numa cadeira e a perna dela estava inchada, com formigamento e toda ferida. Chamei um enfermeiro para limpar a perna dela que estava saindo muito pus. Ele simplesmente pegou uma gaze e enrolou em cima do que já estava todo molhado, ser

“

Meu marido
está aqui,
arriscado a pegar
uma infecção”

Verônica de Jesus | Acompanhante



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS

limpar. Ela passou mal quando foi no banheiro, aí eu reclamei e não deram atenção, logo depois ela teve parada cardíaca nos meus braços. Um paciente que a colocou nos braços e levou-a para a maca. Somente depois que ela teve parada cardíaca que chegou médicos e enfermeiros, mas não teve jeito. Se ela tivesse sido ajudada com certeza estaria viva”, afirma.

“Hoje estou acompanhando minha irmã que teve um acidente de moto. Ela está na ala vermelha, a gente não pode ficar entrando toda hora, mas diante das outras vezes que vim para cá tive sempre uma visão negativa. Com os meus filhos, passava a hora do remédio e eu tinha que ficar no pé senão não davam o remédio. Nessa época tinha um senhor que ficou 5 dias sem trocar a fralda. Eu e outra moça levamos ele para o banheiro e trocamos a fralda e os funcionários não faziam nada. Esse senhor estava abandonado. Ele gritava de dor, era cego e estava sentado numa poltrona. A gente nem conhecia esse senhor, mas dava dó de vê-lo abandonado e os funcionários não fazerem nada”, lembra, a senhora.

• Burocracia

Dentre toda a problemática quando se está internado, há também a morosidade de entregas de prontuários para indivíduos que precisam dar entrada no seguro do DPVAT. Um repórter fotográfico, que não quis se identificar, conta que há mais de dois meses espera o documento. “Desde 4 de novembro estou aguardando o prontuário para dar entrada no seguro DPVAT em relação ao acidente que teve com o meu filho e até agora eles não liberaram. Na verdade eles não fizeram ainda porque disseram que tem pessoas com mais de 1 ano para receber e o meu caso seria ‘recente’. Já tive no setor que dá entrada e pediram para aguardar 45 dias. Já se passaram mais de 45 dias e hoje disseram que não há previsão de entrega. Fico de mãos atadas sem poder resolver nada e disseram que essa demora é normal”, revolta-se.

• SINDIMED

O Sindicato dos Médicos de Sergipe (Sindimed-

SE) constatou através de visita realizada esta semana no setor de Oncologia do HGJAF, diversas irregularidades em que médicos e demais profissionais têm que conviver todos os dias.

O resultado desta visita realizada pela comissão dos médicos João Augusto, Luiza Carlos Spina, Erick de Souza Barbosa e José Helton Silva Monteiro, presidente e diretores do Sindimed, respectivamente, virou um relatório publicado pelo próprio sindicato. Segundo o relato dos médicos, é visível a defesa entre os médicos de um hospital do câncer, o espaço físico insuficiente para o atendimento à população, com poucos consultórios, enfermarias e salas de cirurgias. E é de extrema necessidade providenciar aparelho de radioterapia para suprir a demanda.

De acordo com o relatório, não há anestesista à disposição, além de haver dificuldade em realizar os procedimentos cirúrgicos. Das nove (9) salas cirúrgicas, apenas uma sala cirúrgica é disponível para oncologia e por conta disto gera um número grande de remarcação das cirurgias, quando surge uma emergência no pronto-socorro que ocupa a sala. Outras três (3) salas são utilizadas como enfermarias, o que faz a fila para cirurgias aumentar.

O ar-condicionado da sala de cirurgia está quebrado. O centro cirúrgico é um ambiente infectado, as pessoas não usam as indumentárias obrigatórias, além do ambiente de enfermaria que foi criado pela gestão do hospital, aumentando o fluxo de pessoas, num ambiente em que o acesso deveria ser de restrito.

Sobre os serviços terceirizados, o Sindimed revela que dentre a demora de entrega de resultados de exames, há exames que não são feitos pelo hospital e nem é terceirizado, como os exames de Laringoscopia, a Biópsia de próstata e ressecção transuretral. Todos esses exames não ofertados ao paciente, sendo a única opção o paciente pagar na rede de saúde privada.

A questão da falta de medicamentos também foi relatada pelos médicos. Vários quimioterápicos estão em falta. Essa constante irregularidade no



■ Reportagem do Correio de Sergipe acompanhou de perto sofrimento dos pacientes como, por exemplo, a idosa Francisca Souto

abastecimento dos quimioterápicos prejudica o tratamento do paciente. As dosagens hormonais da tireoide para acompanhamento de câncer de tireoide, por exemplo, não é feito pelo hospital e nem em serviço terceirizado. Desse modo, a única opção ao paciente é pagar pelo medicamento na rede de saúde privada.

• Falhas

Após comprovar a existência de diversas falhas no sistema de segurança do HGJAF, o Ministério Público de Sergipe (MP/SE) ajuizou na última sexta-feira, dia 01, Ação Civil Pública com pedido liminar em face do Estado de Sergipe e da Fundação Hospitalar de Saúde (FHS), a fim de que, pelo bem da população, medidas sejam tomadas para corrigir tal situação.

De acordo com os autos da ACP, ficou constatada a deficiência do serviço de segurança, a ausência de controle e registro de visitantes às áreas de acesso registro, bem como ausência de manutenção preventiva nos elevadores do prédio, motivo pelo qual ocorrem paralizações constantes, ou seja, os elevadores do Hospital quase sempre estão quebrados, inviabilizando o serviço diário.

Segundo a promotora dos Direitos à Saúde, Euza Missano, que está ajuizando a ação, os usuários do Sistema Único de Saúde estão sofrendo por conta da assistência indigna, diante da deficiência do serviço. Além dos problemas acima citados, o Hospital especializado em alta complexidade, funciona constantemente superlotado e sem segurança. "Emerge, desse lamentável quadro, a responsabilidade objetiva do Estado de Sergipe", informou.

O MP requer que, no prazo de 30 (trinta) dias, o Estado e a FHS providenciem o planejamento e execução de sistema de segurança adequado ao HGJAF e o rigoroso controle do acesso às unidades de utilização restrita, promovendo a instalação de dispositivos eletrônicos ou travas elétricas, nas portas de acesso às UTIs Pediátrica, de Tratamento de Queimados e Centro Cirúrgico e também a manutenção corretiva e



FUNCIONÁRIA APONTA A FALTA DE MATERIAIS, MEDICAMENTOS E O NÚMERO INSUFICIENTE DE PROFISSIONAIS

preventiva de todos os elevadores. Pelo descumprimento da determinação judicial, a multa é de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais).

• Fundação Hospitalar de Saúde

A assessoria de comunicação da Fundação Hospital de Saúde (FHS) informou que a maior parte dos casos denunciados é de baixa complexidade e não deveria ser encaminhada ao Hospital de Urgência, destinado à alta complexidade, a exemplo de politraumatismos, fraturas expostas, derrame cerebral, infarto, entre outros. Casos de baixa complexidade devem ser atendidos na Rede de Atenção Básica dos municípios.

Já sobre a falta de medicamentos e materiais para curativos, a Ascom revela que gazes, esparadrapos e material de limpeza de curativo, a Central de Logística, da Secretaria de Estado da Saúde informa ter o material em estoque, portanto não procedendo a informação. Quanto à Dipirona, a Fundação Hospitalar de Saúde esclarece "que não há falta do medicamento, inclusive a manchete deste jornal, Correio de Sergipe, da última terça-feira, no dia 29 de janeiro, trouxe que os pacientes estariam sendo tratados com Dipirona". Já sobre a falta de xarope e pomada, não haveria como apurar sem o nome do medicamento. "É preciso considerar que o médico pode receitar medicamentos para serem administrados em casa".

No caso da paciente internada com Calazar, a Ascom observa que este caso pode ser diagnosticado no HGJAF, mas o encaminhamento é para a Rede de Atenção Básica ou Hospital Universitário. No HGJAF, a medicação é a endovenosa.

Em relação ao processo de higienização do Hospital, a Ascom informa que desde que foi trocada a empresa que presta este tipo de serviço, nenhuma ouvidoria foi registrada por parte de pacientes, acompanhantes e funcionários.

A Fundação Hospitalar de Saúde esclarece ainda que, só nos 10 primeiros meses de 2012, o HGJAF realizou cerca de 150 mil atendimentos. Principal porta de entrada para os casos de urgência e emergência no Estado no HGJAF, a maior parte dos casos não deveria ser encaminhada para aquela unidade.

"Hoje, mais de 60% dos atendimentos neste hospital poderiam ser resolvidos em outras unidades de Saúde nos próprios municípios. Essa realidade sobrecarrega o serviço. Sem falar que esse índice dificulta, também, o planejamento no abastecimento. Estamos realizando atenção básica com custo da alta complexidade", afirma Marcelo Vieira, diretor geral da Fundação Hospitalar de Saúde.



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS





ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS